

EPISTEMOLOGIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Paulo Evaldo Fensterseifer*

Começo por destacar que o tema proposto para esta conferência não é de forma nenhuma consensual na comunidade acadêmica da Educação Física (EF), mas isto não é em si estranho a maioria das problemáticas com as quais lidamos, porém, neste caso, dependendo dos significados dos termos envolvidos, mais que divergências, temos como consequência a negação da própria possibilidade desta formulação. Em outras palavras, não existiria uma “Epistemologia da Educação Física”, e mais ainda, não se trata de construí-la.

Este entendimento funda-se na aceitação de que a ciência moderna é a herdeira legítima daquilo que os gregos denominavam “episteme”, conhecimento sistemático, verdadeiro, oposto ao que denominavam “doxa”, conhecimento não sistemático, que chamaríamos “senso comum”. Falar então em “Epistemologia da Ciência”, seria redundância, uma vez que a ciência é a única forma digna de ser denominada episteme. Quanto a EF a impossibilidade desta formulação deve-se ao fato de que a EF não é tida como uma ciência, logo não possui uma epistemologia. Obviamente que estamos tomando aqui a ciência nos moldes clássicos que herdamos da modernidade ocidental.

Aceita esta tese, fundada na fixidez dos sentidos de epistemologia e ciência, vocês podem estar se perguntando: o que faz aqui alguém do extremo sul do Brasil se o tema sobre o qual deveria falar é uma aporia, uma questão impossível? Seria honesto de minha parte declinar do convite? Enfim, que razões me permitem tratar deste tema?

Primeiramente acredito, embasado na hermenêutica, que um tema proposto não implica uma interpretação unívoca, mas é fundamentalmente, um pretexto para possíveis interpretações. Em segundo lugar, penso como Porchia que “o que dizem as palavras não dura. Duram as palavras. Porque as palavras são sempre as mesmas e o que dizem não é nunca o mesmo” (apud LARROSA, 2004, p.15). Logo, os sentidos estão sempre a se produzir no uso da própria língua. E por fim devo dizer que me agrada falar de coisas sobre as quais não se tem a última palavra, essas são propriamente as

* Professor do Departamento de Pedagogia da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - Brasil (UNIJUÍ)

questões humanas e, concordando com meu colega Cláudio Garcia, emitir uma opinião sobre elas não é de forma nenhuma uma atitude arrogante. Arrogante seria calar até que pudéssemos emitir uma opinião definitiva.

Uma vez feitas estas considerações podemos avançar no sentido de reconhecer a pertinência do tema, afinal não é gratuita sua presença em um fórum desta magnitude. Começo por identificar o pano de fundo comum dos termos implicados no tema proposto: ciência (embora não apareça no título), epistemologia e EF. Este pano de fundo comum é aquilo que temos denominado modernidade, ou mais precisamente racionalidade científica moderna. Nas palavras de Bracht,

A chamada EF moderna é filha da modernidade. Isso significa que ela surge num quadro social em que a racionalidade científica se afirma como a forma correta de ler a realidade, em que o Estado burguês se afirma como forma legítima de organização do poder e a economia capitalista baseada na indústria emerge e se consolida. A EF moderna sofre a influência, desde seus primeiros passos, do pensamento científico. Vale o princípio: exercitar cientificamente o corpo, ou exercitar o corpo de acordo com o conhecimento científico a respeito. (1999, p. 28)

Da mesma forma, Soares (1998) afirma que a EF como área do saber resulta do processo de “cientificação do movimento”, constituindo um arcabouço capaz de dar conta de todas as formas das práticas corporais sob a designação de “Ginástica”. Produto dos chamados “Movimentos Ginásticos Europeus” (séc. XIX) que, inspirados na ciência e na técnica, possuíam um caráter ordenador, disciplinador e metódico, estabelecendo “modos de ser e de viver” funcionais as sociedades burguesas de então. Segundo a autora, “A ginástica científica se apresentava como contraponto aos usos do corpo como entretenimento, como simples espetáculos, pois trazia como princípio a utilidade de gestos e a economia de energia” (SOARES, 1998, p. 23).

Este movimento desdobra-se na Inglaterra naquilo que hoje denominamos “Esporte Moderno”, exportando para o mundo o modo de ser e viver da burguesia inglesa (audaz, ágil, educada, obediente e, sobretudo, cumpridora e adoradora de regras sociais, morais, físicas (SOARES, 1998, p.21). Também Bracht reconhece no Esporte o processo de racionalização típico da racionalização do sistema produtivo na sociedade capitalista industrial, do qual deriva suas características: “secularização; igualdade de chances;

especialização; racionalização; burocratização; quantificação; busca do recorde” (Guttman apud BRACHT, 1999, p. 37)).

No que se refere a epistemologia, esta perde seu sentido abrangente que herdara dos gregos, para assumir a fundamentação e legitimação da ciência moderna. Como afirma Gamboa,

Na literatura filosófica moderna o termo “epistemologia” significa literalmente Teoria da Ciência, criado recentemente sob a tutela de uma concepção positivista, na medida em que conota a redução da Teoria do Conhecimento (Gnosiologia) a uma parte deste conhecimento, o Conhecimento Científico. (2005, p. 158)

Este “casamento” constitui a matriz da racionalidade científica moderna. Seus filhos são as chamadas “disciplinas”, as quais compõe-se basicamente de discursividades objetivadoras de domínios específicos, procurando traduzir, em proposições conceituais, todo o real passível de determinação sob a forma de causalidade eficiente e, obviamente, por exigência do método, passível de mensuração. Devem inspirar-se nesta matriz todas aquelas áreas do saber que almejam o status de ciência, ou então se contentar, como o fez a EF, em tornar-se campo de aplicação dos conhecimentos produzidos no âmbito de outras disciplinas científicas.

Em outra ocasião chamei a atenção que

A relação umbilical entre as ciências positivas, poderia dizer “a Ciência” e “a Epistemologia”, pressupõe a equação que a tradição moderna nos legou ou seja, Verdade = Razão = Ciência¹. Equação que torna a Epistemologia a mais nobre das tarefas, afinal é ela agora, e não mais a “Deusa da Justiça”, que guarda a episteme, o conhecimento verdadeiro. É justo que esperássemos dela então as respostas para as nossas questões, fundamentalmente que nos respondesse “o que é verdadeiramente a Educação Física?”, parodiando Kant, que acreditava que todos os problemas da filosofia estariam resolvidos se respondêssemos a questão: “o que é o homem?”, resolveríamos o problema de identidade que nos afligia (ou aflige?) ao definir nosso objeto e “o método” de produção dos conhecimentos indubitáveis.

¹ Equação tematizada pelo professor Paulo César Tiellet, por ocasião da XII CONBRACE (2001), no Seminário avançado de Epistemologia.

Estas “núpcias” mantiveram sua solidez praticamente intocada uma vez que a própria filosofia e o campo das chamadas “Ciências Humanas”, das quais poderíamos esperar uma reação crítica, estavam preocupadas em aplicar em seus domínios uma metodologia que permitisse um grau de objetividade semelhante aqueles alcançados, pretensamente, pelas chamadas Ciências Naturais e Exatas.

O abalo deste edifício veio, paradoxalmente, do interior da própria ciência tida como paradigmática: a Física. São físicos como Mach, Poincaré, Einstein, Heisenberg, Bohr, que percebem os limites do paradigma positivista de ciência. Por diversos meios chegam eles a conclusões tais como:

- Não cabe a ciência “decifrar os enigmas da natureza” revelando o que ela “realmente é”, mas satisfazer-se em descrever “o que se passa”;
- As descrições contêm sempre um grau de subjetividade uma vez que sujeito e objeto são tomados como parte do fato observado;
- Os critérios de objetividade são construídos de acordo com a especificidade do objeto (fim do modelo único);
- Os instrumentos de medida são considerados conjuntamente com o objeto medido, logo os “dados” são construções;
- A noção de universo da ciência deixa de ser determinista e passa a ser probabilística, uma vez que as leis explicativas são construções relativas e provisórias;
- Não havendo um ponto de vista privilegiado (“ponto arquimediano”) para a descrição dos fenômenos, passa-se a considerar diferentes posições como complementares (ex: teorias a respeito da luz).

Dessa experiência da Física surge uma nova compreensão de epistemologia que consiste numa interrogação das condições de possibilidade da ciência produzir conhecimentos verdadeiros. Algo como uma meta-ciência, um discurso sobre a ciência, não mais prisioneiro de um paradigma, mas fundamentalmente capaz de refletir a respeito dos próprios paradigmas que se pretendem como tal. Porém como escrevi em outro momento

não se trata de qualquer forma de discurso, mas de uma forma específica de discursividade, a qual caracteriza-se por

ser eminentemente teórica e não técnica, ou seja, ela diz respeito a “fundamentos” e não diretamente a aplicações. Pergunta-se pelos fatores sociais, culturais, ideológicos, filosóficos e políticos implicados no fazer específico de cada ciência, revelando o projeto que a embasa, uma vez que todo enunciado epistêmico, segundo Foucault, é um enunciado político-moral. (FENSTERSEIFER, 1999, p. 172)

Este entendimento de epistemologia que, tal como a coruja de Minerva, só alça vôo ao entardecer, só acontece recentemente no campo da EF (ao menos no Brasil), tornando visível que tanto o “Ciclo da Ginástica” quanto o “Ciclo do Esporte” e suas interfaces com a saúde ou rendimento, tem sido hegemonizados pela racionalidade científica moderna. Racionalidade que assume um caráter instrumentalizador no esporte e por extensão na EF. “Nesta lógica, a educação física escolar aparece obviamente como meio; base da pirâmide seletiva em que se transformou o sistema esportivo, além de criar um mercado consumidor/espectador acrítico do esporte” (FENSTERSEIFER, 2001, p. 41).

Em um esforço de compreender este processo, Kunz (1994), evidenciou, alicerçado em uma perspectiva habermasiana, a hegemonia que o “interesse técnico” exerce sobre a produção do conhecimento na EF, numa clara supremacia das pesquisas empírico-analíticas, tidas por parte significativa da comunidade acadêmica da área como as únicas “verdadeiramente científicas”. Isto revela, por um lado, o “colonialismo” a que nossa área esta submetida. Por outro, que o abalo sofrido por ciências paradigmáticas, antes a Física, hoje a Biologia, não produziram efeitos significativos em nosso meio a ponto de destituir o modelo de cientificidade consagrado pela modernidade. Questões que em última instância convergem para o acatamento de um modelo de cientificidade absolutizado.

Quanto ao primeiro aspecto (colonialismo), Bette (apud BRACHT 1995, p. 41) afirma que a legitimação das chamadas “Ciências do Esporte” (tentativa de conformar uma disciplina científica com objeto e método próprio), cria dificuldades para outras abordagens científicas que não se submetam a esse sistema e que se proponham a relativizar, a partir de razões pedagógicas, sociais ou de saúde, o conceito de rendimento.

Ao acolhermos acriticamente este modelo de cientificidade chegaremos a conclusão, não sem dor para muitos, que a EF não pode constituir-se enquanto ciência. Para outros, como é o caso de Valter Bracht, isso não é um problema a ser lamentado. Escreve ele:

Defendo a idéia de que a EF não é uma ciência. No entanto, está interessada na ciência, ou nas explicações científicas. A EF é uma prática de intervenção e o que a caracteriza é a intenção pedagógica com que trata um conteúdo que é configurado/retirado do universo da cultura corporal de movimento. Ou seja, nós, da EF, interrogamos o movimentar-se humano sob a ótica do pedagógico. (BRACHT, 1999, p. 32-3)

De forma semelhante afirma Mauro Betti:

Entendemos que a educação física não é uma ciência, como propõe a matriz científica, mas uma *área de conhecimentos relativos à cultura corporal de movimento*, que sistematiza e critica conhecimentos científicos e filosóficos, recebe e envia demandas à prática, às ciências e à filosofia. (BETTI, 1998, p. 18)

De minha parte tenho sustentado que esta questão (ser ou não ser ciência?) tem absolutizado um dos termos da equação: “A ciência”. Porém podemos nos perguntar se alguém ainda acredita em uma forma de saber que reúna todas estas características:

- Distinga-se radicalmente do senso comum;
- Seja isento de toda e qualquer ideologia;
- Possua um objeto construído teoricamente com fronteiras rígidas;
- Utilize-se de um método específico que considere como válidos exclusivamente dados obtidos pela observação e experimentação.

Aceitar estes pressupostos nos permitiria fundir o “Leito de Procusto”² que, manejado por um “Epistemólogo-inquisidor” verificaria aquelas áreas dignas de serem designadas “Ciências”, e por decorrência, os conhecimentos reconhecidos como verdadeiros. Penso que

(...) ao invés de aceitarmos como destino o entendimento de ciência, é preciso no meu entender, realizar uma operação semelhante a que faz Habermas em relação à modernidade, é preciso resgatar-lhe seu sentido emancipatório, para o que já acumulamos nos últimos anos críticas suficientes para questionar a crença de uma separação radical entre senso-comum e ciência, entre ciência e ideologia. Da mesma forma, insistir nos purismos metodológicos e na prerrogativa de um objeto nos moldes das ciências paradigmáticas da

² Procusto é um personagem da mitologia grega. Conta-se que este famigerado salteador utilizava um leito de ferro onde estendia suas vítimas, cortando os pés daqueles que ultrapassavam o tamanho do leito, ou estirando a vítima caso esta não atingisse o tamanho do leito.

modernidade, parece a recriação de uma “escolástica laica”. Sem falar na total impossibilidade de falarmos hoje em uma separação radical entre sujeito e objeto, como se o primeiro habitasse uma espécie de ponto arquimediano ou “observatório universal”. (FENSTERSEIFER, 2005, p.2-3)

Reconhecemos a tradição que cerca a palavra “ciência” não significa absolutizar os sentidos a ela vinculados, pois estes estão sempre em aberto permitindo novas significações, as quais podem ser sustentadas por novos entendimentos da objetividade do conhecimento, como o faz, por exemplo, a hermenêutica filosófica³. Para ela, uma vez aceito o “giro lingüístico” (Linguistic turn), as questões da razão e da verdade deslocam-se da relação sujeito-objeto para o plano da linguagem, colocando o problema da interpretação no centro das preocupações filosóficas. Isto implica o rompimento com a concepção do conhecimento como representação de uma consciência individual, e passa a ter na intersubjetividade sua fonte de validação. Processo que se realiza sempre de forma contextualizada, o que significa que todo conhecimento tido como verdadeiro não está isento da historicidade e finitude que caracteriza a condição humana.

Diante desta forma de reconhecimento da objetividade dos saberes produzidos no âmbito das diferentes áreas, também não cabe o lugar de “tribunal da razão” ocupado pela epistemologia, mas o próprio questionamento da equação anteriormente referida ($V=R=C$) esforço que tenho denominado “atividade epistemológica”, a qual não tem a pretensão de emitir juízos de um pretense ponto arquimediano, mas contribuir, sempre de um ponto de vista interpretativo, para uma maior visibilidade dos conhecimentos que produzimos.

Realizar este esforço é, quem sabe, reduzir a dívida que segundo Nietzsche, temos com o conhecimento do conhecimento. Parafraseando-o podemos dizer que nós que conhecemos sabemos tão pouco a respeito da natureza do conhecimento por nós produzido. Logo, o conhecimento daquilo que tomamos como verdadeiro é a tarefa da atividade epistemológica. Sua importância não vincula-se ao fato do conhecimento revelar o mundo, mas ao fato de que o conhecimento é constituidor do mundo.

Por fim, espero que estas reflexões traduzam a relevância que o tema em questão tem para o campo acadêmico da EF,

³ A hermenêutica filosófica caracteriza-se, segundo RUEDELL (2005, p.226-7), por não ter sua preocupação centrado no *como*, não é portanto uma técnica e não fornecendo também orientações para a interpretação. Segundo o autor, baseado em Scholtz, a hermenêutica filosófica “apenas visa compreender o que torna possível a interpretação e a compreensão, ou seja, pergunta-se pelas condições de possibilidade da compreensão”.

mesmo que para isto tenhamos que desconstruí-lo. Mas esta nos ensina a hermenêutica, parece ser a nossa condição, compreender interpretando, o que não me parece algo problemático. Problemático seria não entender que se trata de uma interpretação. Esta sutileza diferencia o sentido clássico de epistemologia, do sentido de atividade epistemológica, considerando que vivemos em um mundo em que as verdades não se escrevem mais com “v” maiúsculo, mas nem por isto abandonamos a pretensão de construirmos verdades, plurais, históricas e contextualizadas, mas ainda verdades.

Referências:

BETTI, M. A Janela de Vidro: Esporte televisão e educação física. Campinas/SP: Papirus, 1998.

BRACHT, V. As ciências do esporte no Brasil: uma avaliação crítica. In: FERREIRA NETO, A.; GOELLNER, S. V.; BRACHT, V. (org.) As ciências do esporte no Brasil. Campinas/SP: Autores Associados, 1995. p. 29-49.

_____. Educação Física e Ciência: cenas de um casamento (in)feliz. Ijuí: Ed. Unijui, 1999.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. A Educação Física na Crise da Modernidade. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2001.

_____. Atividade Epistemológica e Educação Física. In: Simpósio Brasileiro de Epistemologia e Educação Física. Natal, RN, 2002 (mimeo).

_____. Conhecimento, epistemologia e intervenção. In: GOELLNER, S. V. Educação Física/Ciências do Esporte: conhecimento e intervenção. Florianópolis: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 1999.

_____. Educação Física e Ciência: Qual é o Problema? 6º Congreso Argentino y 1º Latinoamericano de Educación Física y Ciencias, Universidad Nacional de La Plata, 2005 (mimeo).

GAMBOA, S. S. Epistemologia. In: GONZÁLEZ, F. J. e FENSTERSEIFER, P. E. Dicionário Crítico de Educação Física. Ijuí/RS: Editora UNIJUÍ, p. 158-161, 2005.

KUNZ, E. Transformação Didático-Pedagógica do Esporte. Ijuí/RS: Editora UNIJUÍ, 1994.

LARROSA, J. Linguagem e Educação depois de Babel. Belo Horizonte, MG: Autentica, 2004.

RUEDELL, A. Hermenêutica. In: GONZÁLEZ, F. J. e FENSTERSEIFER, P. E. Dicionário Crítico de Educação Física. Ijuí/RS: Editora UNIJUÍ, p. 223-227, 2005.

SOARES, C. L. Imagens da Educação no Corpo. Campinas: Autores Associados, 1998.